

GOA EM 1535

UMA CIDADE MANUELINA

RAFAEL MOREIRA*

A conquista definitiva de Goa por Afonso de Albuquerque no dia de Santa Catarina (25 de Novembro) de 1510 é um dos episódios melhor conhecidos na história da expansão portuguesa no Oriente⁽¹⁾. Também a época de apogeu da “Goa Dourada” das últimas décadas do século XVI e do XVII, de que tão ricos testemunhos nos ficaram na documentação histórica, na arte, e nos relatos de viajantes estrangeiros, tem merecido crescente interesse por parte de uma historiografia mais atenta às várias incidências da presença europeia no Índico. Entre uma e outra, porém, a fase intermédia de “arranque” da cidade e de sua progressiva afirmação, superando Cochim como capital e canalizando o lucrativo comércio com o Decão — afinal, o período decisivo em que a sociedade goesa forjou a sua peculiaríssima personalidade cultural e escolheu o seu destino — não tem obtido senão referências gerais e raros estudos⁽²⁾. É, pois, com satisfação que trazemos a público um documento desse período que julgamos revelador e que merece divulgação na íntegra.

Trata-se do levantamento nominal da população portuguesa (melhor seria dizer cristã) da cidade e arrabaldes, que em recente prospecção de

* Departamento de História de Arte.

⁽¹⁾ Ver a última palavra na excelente biografia de Geneviève Bouchon, *Albuquerque. Le lion des mers d'Asie*, Paris, 1992.

⁽²⁾ Além dos trabalhos clássicos de Charles Boxer, Orlando Ribeiro, Raquel Soeiro de Brito, Luis Filipe Thomaz e Teotónio de Souza e Matos, novas questões em G. Bouchon, “Premières expériences d’une société coloniale: Goa au XVIème siècle” (in *Histoire du Portugal, Histoire Européenne*, Fund. C. Gulbenkian, Paris, 1987, pp. 85-96); e M. N. Pearson, “The first century of Portuguese rule in Goa”, in A. Teixeira da Mota. In *Memoriam*, Lisboa, 1987, pp. 251-266 (algumas de cujas afirmações, como “the Portuguese impact on Goa ... was minimal”, são contraditas pela evidência que aqui apresentamos).

arquivo em Goa tivemos ensejo de encontrar⁽³⁾. Ele fornece o retrato a corpo inteiro e a “radiografia” de uma sociedade em transição, que compensa com vantagem a escassez de documentos oficiais da época ao recensear, rua a rua, todos os seus habitantes e respectivas *fazendas*, indicando por vezes o parentesco, origem e profissão. Essas 25 secas páginas do “rol” da **Finta dos Portugueses** (única parte do documento que adiante transcreveremos) oferecem, assim, um manancial de informações ao investigador dos factos económicos, sociais e financeiros, da toponímia urbana, da onomástica, e até da história política e militar, comparável aos cadastros municipais manuelinos, ao numeramento geral do Reino de 1527, e sobretudo à estatística de Lisboa em 1565, com que tem maiores afinidades. Deixando para outra ocasião (ou para outros mais sabedores) o gosto de explorar esses diversos aspectos, procuraremos aqui apenas colher os elementos essenciais e testar algumas hipóteses referentes à morfologia e ao funcionamento da cidade luso-indiana no fim do seu primeiro quartel de existência.

O rigor e veracidade desses dados não levantam dúvidas. O próprio documento — que é o registo nos livros da Câmara de uma acta da vereação e o traslado do rol a que ela deu lugar — começa por referir *hos mjll pardaos que per mandado do Sõr Gd^{or} se ham de fintar pellos moradores portugueses desta cidade e pellos gentios moradores em ella he nas llhas*, e informa que a 4 de Junho de 1535 reuniram nas casas da câmara os vereadores, oficiais e provedores dos mesteres para eleger os encarregados do censo dos moradores *pera fintar*. Foram eles o barbeiro João de Seia — vereador antigo, bom conhecedor da população — e o pedreiro João Fernandes, medidor da cidade, a quem incubiria o cálculo do valor das propriedades urbanas, além do escrivão camarário Diogo Martins. Para fazer o “rol dos gentios” foi eleito Locú Comprido, um bramane da ilha de Chorão, rendeiro-mor da ilha convertido ao cristianismo em 1548⁽⁴⁾.

⁽³⁾ Historical Archives of Goa, Livro N^o 7737 (Senado de Goa, *Acórdaos 1535 a 1537*), fls. 14v a 28 (note-se que, por erro de encadernação, fl. 25 está adiante, entre fls. 48 e 49). Agradeço ao Dr. P. P. Shirodkar as facilidades na obtenção dos microfilmes, e à CNCDP, na pessoa do Dr. Vasco Graça Moura, o subsídio e o apoio logístico que permitiram a nossa deslocação a Goa e Mombaça, no âmbito de um estudo genérico das fortificações portuguesas no Índico.

⁽⁴⁾ Cfr. P. Pissurlencar, *Agentes da Diplomacia Portuguesa na Índia*, N. Goa, 1952.

Ao invernar em Goa na monção de 1535, entre o regresso de Baçaim em Abril e a partida para Diu em fins de Setembro⁽⁵⁾, o governador Nuno da Cunha mandou, de facto, tributar mil pardaus divididos entre os moradores cristãos e diversas castas de gentios, na sequência dum pregão a 21 de Abril que convocava *todo cidadão e outro qualquer morador de qualquer nação que seja portugueses*. Nenhum cronista narra este facto, o que mostra o seu interesse meramente local. Encontrámo-lo referido apenas por Viriato Caetano de Albuquerque, que nos inícios do presente século ainda pôde compulsar os ricos arquivos camarários. O objectivo da derrama era a construção do Chafariz do Mandovim com a água de N^a Sr^a do Monte, obra que *seria causa de grande nobrecimento da cidade*, como diz o alvará assinado a 9 de Junho pelo Governador, e *se podia fazer com mil pardaus pouco mais ou menos segundo fe d'officiaes que o viram*⁽⁶⁾ Mas o erudito goês não parece ter conhecido o texto de que aqui nos ocupamos, pois apenas transcreve esse alvará e sumaria o “rol dos gentios”, que diz ter sido ordenado a 16 de Junho pelo tanadar-mor, informações que não constam e até contradizem as do nosso documento.

Este contabiliza 664 fogos de cidadãos “portugueses” na cidade e 33 na restante ilha; mas não devemos esquecer que, como era de lei nestes impostos extraordinários lançados pelos municípios⁽⁷⁾, estavam isentos os nobres de linhagem e certas categorias privilegiadas, como o clero e os membros da casa do vice-rei — quase uma centena de pessoas —, os soldados e embarcações, a população flutuante e os escravos, que constituiriam uma população muito mais numerosa do que a tributável. Esta era em 1524 de 450 cidadãos⁽⁸⁾, e já montava a 1800 em 1540 segundo Gaspar Correia. O total dos bens contabilizados foi de 337.100 pardaus (de 5 tangas): uma média de 480 por morador, mas que menos de 1/4 conseguia atingir. Com uma população a subir em flecha e gritantes

⁽⁵⁾ Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, ed. Lello, Porto, 1979, Livro VIII, p. 737.

⁽⁶⁾ V. A. C. de Albuquerque, *O Senado de Goa*, N. Goa, 1909, pp. 86-89 e Docs. 222 e 223.

⁽⁷⁾ Para a sua caracterização geral, ver Iria Gonçalves, in J. Serrão, ed., *Dicionário de História de Portugal*, 11, 1971, s.v. “Fintas”.

⁽⁸⁾ Ch. Boxer, *Portuguese Society in the Tropics. The municipal councils of Goa, Macao, Bahia and Luanda, 1510-1800*, Wisconsin Presse, 1965, pp. 28-9 (baseia-se no *Boletim de Bibliographia Portuguesa*, II, pp. 244-9, que não consultámos).

desigualdades na distribuição da renda, Goa era, pois, em 1535, uma cidade em crescimento, a anunciar a opulência áurea dos anos vindouros.

Está fora dos limites desta apresentação a análise das questões fiscais, da vida financeira ou de hierarquia social que o “Rol da Finta dos Portugueses” de 1535 suscita ao historiador. Há, porém, dois traços, de índole sociológica com implicações no espaço urbano, que não queremos deixar de fazer ressaltar. Um, é a existência de agrupamentos de vizinhos portadores do mesmo apelido — tão banais como Rodrigues, Fernandes, Vaz, Dias ou Pires —, como se fossem clãs familiares ou enclaves de parentelas compartilhando a mesma rua: o que, mais do que a verdadeiro parentesco ou ao resultado da divisão de heranças, deve corresponder a “famílias” em sentido lato, abrangendo grupos de hindus cristianizados que recebiam na pia o nome do padrinho. O outro, é a repetição do qualificativo de *genro* dado com insistência a certos moradores: em 30 casos de indicação de laços de parentesco, 18 são definidos como sendo “genros” de alguém.

Vistos em conjunto, estes dois fenómenos remetem à conhecida política de casamentos promovida por Afonso de Albuquerque, à revelia do rei e para escárnio das autoridades de Cochim. Compreende-se melhor neste contexto a lógica férrea a que ela obedecia, dadas as peculiaridades goesas da importância da linha feminina e o essencial papel das mulheres (várias são citadas no rol como cabeça de casal, e uma chegou a dar o seu nome a uma rua). Era a única maneira possível de, sem grandes choques, proceder à integração dos portugueses no meio social nativo, com o qual, à diferença de Cochim, se pretendia criar uma directa inserção económica e cultural — aliás por iniciativa dos próprios hindus, como Crisna, Locu, o ourives Nemu, ou Timoja, sob cuja sugestão Albuquerque conquistou Goa às forças mouras ocupantes e que sempre estiveram na primeira linha de defesa.

É João de Barros quem fornece a chave para perceber esse peculiar relacionamento, ao narrar como o governador fazia aos que casavam com mulheres da terra grandes “mimos e favores”, doando-lhes as propriedades devolutas com a fuga dos mouros, e “chamando a estes tais esposos *genros* e às mulheres *filhas*”... Como só a partir de 1548 começariam a vir portuguesas, o expediente adquiria outros atractivos; mas o essencial foi bem visto por Gaspar Correia, ao referir que muitas dessas hindus e mouras brancas tornadas cristãs pelo casamento (que calcula em mais de 200) “valião suas fazendas passante de cinquenta mil cruzados”, indo à

igreja com “tres e quatro escravas carregadas d’ouro”, e ao atribuir a Albuquerque a profética frase: “Douvos dez braças de terra por hum cruzado. Se Deos for por nós, tempo virá que venderês a braça por hum palmo d’ouro”⁽⁹⁾ Com efeito, decorridos dez anos já a Câmara lamentava o alto preço dos terrenos urbanos, que obrigava muitos cidadãos a ter viver nos arrabaldes⁽¹⁰⁾.

A luz das regras indígenas de parentesco agnático, que Albuquerque não podia infringir a não ser no sentido da sua moderação cristã — pelo que proibiu a prática do *sati*, ou sacrifício das viúvas —, essas alianças matrimoniais (que a tradição historiográfica mitificaria como modelo de política colonial do “português nos Trópicos”...) constituíam o processo ideal para levar a cabo os seus intuitos de refundação da cidade: eram, repetimos, o único meio de que dispunha o conquistador para fazer passar sem violência a posse dos terrenos urbanos para as mãos dos portugueses. E é quando o sistema entra em crise, com o surto demográfico do meado do século e a chegada sistemática de mulheres brancas, que o diálogo equilibrado entre as duas culturas se desfaz e a cristianização forçada tem início; mas, a despeito dos seus detractores, a sociedade indo-portuguesa era já um facto irreversível, dando assim plena razão a Albuquerque.

Na quarta década do século Goa atingia, com efeito, a maioridade. Em 1530 a sua posição mais central fizera o Governador trazer de Cochim as repartições fiscais, “como esperava de sempre estar em Goa”, a que se seguiriam as portuárias. Desde 1533 era sede episcopal, conquanto o primeiro bispo só tomasse posse em 1539, funcionando como catedral provisória a igreja de Santa Catarina. A criação de numerosas paróquias nos anos seguintes, consequência do aumento demográfico, provocou um surto de edificações religiosas de qualidade comparável às do Reino.

⁽⁹⁾ João de Barros, *Ásia*, 2ª Década, ed. 1945, p. 243; e G. Correia, *Lendas da Índia*, ed. Lello, 1975, II, pp. 159 e 375. Um bem documentado estudo dessa miscigenação, numa perspectiva mais tradicional do que aquela que aqui propomos, em A. C. G. da Silva Correia, *História da Colonização Portuguesa na Índia*, I, Lisboa, 1948.

⁽¹⁰⁾ Carta da Câmara de Goa ao Rei, de 30 de Outubro de 1524: *...as obras de casas que tem ffectas os moradores saom boas, e ffazem cadade (cidade?), e dentro da cerqua da cidade nao ha chaaos despovoado, nem cabe a jemte que he casada, e vivem muitos ffora nos arrabaldes, por serem muito pobres* (cit. in Visconde de Lagoa, *Grandes e Humildes na Epopeia Portuguesa do Oriente*, II, Lisboa, 1943, pp. 43-44).

Da Goa muçulmana, fundada cerca de 1460 por Melik Hussein com mouros vindos de Onor, e onde em 1472 o Hidalcão (Adil Khan) quis criar o principal porto do sultanato de Bijapur⁽¹¹⁾, pouco mais restaria do que a memória. A gravura de G. Bráunio baseada num desenho dos primeiros anos do século XVI mostra uma cidade em formação, com mais espaços vazios que grupos de casas, de que se destaca o Palácio do Sabaio; mas sabemos que após a conquista a cerca foi atalhada, a maior parte das casas demolidas e o palácio refeito. É, pois, uma Goa nova que quase fez tábua rasa da anterior — no que não parece abusivo procurar alguma lógica urbanística e, ao menos em hipótese, o resultado de experiências de planificação urbana — que nos deixa entrever o percurso de suas ruas em 1535.

A primeira delas é, naturalmente, a **Rua Direita**, a principal da cidade, famosa pelo mercado de artigos de luxo (sobretudo os cavalos trazidos da Pérsia e Arábia) que diariamente aí se realizava pela manhã: o “Leilão” ilustrado meio século depois por Linschoten, com o movimento de fidalgos e damas no troço inicial junto à igreja da Misericórdia, os mercadores que discutem os preços à sombra de tendas e sombreiros, e perfiladas ao fundo as casas ricas da cidade, de um ou dois sobrados (que eram pintadas a branco e vermelho), cobertas de telha portuguesa, com fachadas esguias e janelas de dupla moldura protegidas por gradeados. Este tipo de morada urbana de Goa seria, no entanto, excepcional, o mais comum sendo casas térreas cobertas de telha canarim ou palha de ola.⁽¹²⁾

Era, também, a mais populosa das ruas, num total de 72 fogos, embora não aquela em que as propriedades fossem mais valorizadas.⁽¹³⁾ Ao lado dos opulentos mercadores — na maioria cristãos-novos, de que em 1547 o cronista Gaspar Correia nos narra como se quotizaram com o peso em prata para tirar da prisão um dos seus —, viviam muitos mesteiros, tanto de ofícios prestigiados (2 boticários, 2 ourives, 1 seleiro) como mais humildes: 4 correeiros, 4 alfaiates, 2 sapateiros, barbeiros, adargueiros, até um surrador. A condição de “portugueses” era apenas teórica: o rol menciona um jau (malaio da ilha de Java), um castelhano, e

(11) Um bom resumo em Panduronga S. Pissurlencar, *Colaboradores hindus de Afonso de Albuquerque*, N. Goa, 1941, e id., *Goa Pré-Portuguesa*, Goa, 1962.

(12) Pormenorizada descrição das ruas e casas em 1779 em V. A. C. de Albuquerque, ob. cit., pp. 370-2. Ainda hoje é visível uma porta com verga manuelina, na única casa que resta de pé na Cidade Velha.

a viúva de um alemão. Essa promiscuidade babélica e o ruído do “Leilão” afugentariam muitos moradores: foi o caso de António de Reboredo, proprietário de terrenos e casas no final da R. Direita, que as arrendou e acabou por doar em 1534 à Misericórdia, preferindo ir viver à beira-rio no caminho de Pangim.

De acordo com a velha tradição medieval portuguesa, a Rua Direita (no sentido de “directa”) ligava directamente a principal entrada da cidade ao recinto do castelo, isto é, à Fortaleza de St^a Catarina fundada em 1511 por Afonso de Albuquerque e erguida pelo seu mestre-de-obras Tomás Fernandes. Mas, ao invés das congéneres metropolitanas esta parece ter sido mesmo “direita”, unindo em linha recta os dois pontos: os mais antigos mapas da cidade — as gravuras de Linschoten (1596) e Faria e Sousa (1666) e as cartas de Herédia (1615-20) e João Teixeira Albernaz (c.1648) — mostram uma espaçosa via, adequada ao tráfego de gentes, mercadorias e animais pesados como os elefantes.

A **Rua da Cordoaria**, que se lhe segue no rol, desapareceu da toponímia; mas conduzia, logicamente, à *Cordoaria*⁽¹⁴⁾, estabelecimento para fabrico e guarda das amarras, cabos e cordame dos navios, que em 1554 ocupava um edifício encostado à muralha, a seguir à Torre de Menagem⁽¹⁵⁾. Seria, pois, a extensa rua — 22 moradores — que unia o *terreiro* da Fortaleza ao Hospital Real e Porta de St^a Catarina: uma via de prestígio que formava angulo recto com a R. Direita dando serventia aos pontos mais nobres da cidade. Não por acaso, foi o trajecto dessa “via triunfal” que D. João de Castro percorreu quando da sua entrada na cidade em 1547, que ilustram algumas das tapeçarias de Viena.

⁽¹³⁾ Uns 600 pardaus “per capita”, muito longe da R. do Governador com 985, e sobretudo da R. de Figueiredo, com o máximo de 1068. Um morador da R. Direita, o alfaiate Diogo Vaz, foi avaliado em 20 pardaus, a menor quantia de toda a ilha!

⁽¹⁴⁾ O nome desta rua é o primeiro testemunho que temos da existência em Goa de uma Cordoaria, à semelhança da que em 1507 D. Francisco de Almeida fundara em Cochim, “cuberta de telha, forte, e com casas grandes”, e da que em 1526 se fez em Cananor (Correia, *Lendas*, I, 778; II, 930; e III, 16).

⁽¹⁵⁾ O *Tombo do Estado da Índia* nesse ano inclui as casas da cordoaria, que estão ao longo da fortaleza. E as casas da tenoaria, que estão no cabo da cordoaria (Rodrigo J. de Lima Felner, *Subsídios para a História da Índia Portuguesa*, Lisboa, 1868, III, p. 56). Mudou-se depois para a Ribeira das Naus: cfr. Padre M. J. Gabriel de Saldanha, *História de Goa (política e arqueológica)*, II, N. Goa, 1926, p. 197.

A **Rua de Mestre João de Ruão** (quem seria este conterrâneo e homónimo do famoso escultor de Coimbra?) e a **Rua de São Jorge** (cujo nome, também mudado, julgo derivar dum oratório erigido pelos bombardeiros do Norte da Europa fixados em Goa) eram ambas ruas importantes do centro da cidade, com 17 e 12 moradores, sendo a de S. Jorge uma das de maior valor fundiário — uma média de 858 pardaus por casa, a 3ª mais alta de toda a Ilha.

E possível localizá-las com alguma segurança. De facto, sabemos que cercavam o troço final da R. Direita porque as “duas moradas de casas” sobradadas que a família Reboredo aqui possuía confrontavam “de hua bamda com cassas e assento de Christovam Afomsso”, que o rol dá como residindo à R. de Mestre João, e da outra parte “com cassas e assento de João Fernandes alfayate e com cassas de Manuel Martyns ceryeiro”, que decerto eram, por troca de nomes pelo copista, os dois primeiros vizinhos recenseados na R. de S. Jorge⁽¹⁶⁾. Assim, a R. de João de Ruão seria a primeira paralela a sul da Cordoaria⁽¹⁷⁾ e a de S. Jorge a sua perpendicular entre o terreiro do Sabaio e a Ribeira, definindo um bairro de fixação recente em forma de cruz, com quarteirões regulares quase quadrados, habitado por moradores de boa posição social ou ligados a actividades oficiais: o patrão-mor da Ribeira, um escrivão da Fazenda, pilotos, artilheiros, etc.

A **Rua do Mandovim** é das raras que se manteve na toponímia. O *Mandovim* (a não confundir com o rio Mandovi) era a Alfandega, sita à beira-rio fora da porta do mesmo nome; e por extensão, toda a zona que bordeava o fosso pelo exterior a leste da cidade, prolongando-se na R. dos Surradores e R. do Açougue. Em 1535 devia ser a correspondente intramuros, isto é, o arruamento que desce acompanhando a curvatura da muralha desde a Misericórdia até à Porta do Mandovim, habitado sobretudo por nativos: o rol dá-lhe 12 fogos e um dos mais baixos valores patrimoniais, inferior mesmo ao de alguns subúrbios.

Pela mesma ordem de razões, a **Rua de Mataporcos** seria a que

⁽¹⁶⁾ A doação por “Antonio de Bocaredo” (sic) à Misericórdia, a 27 de Julho de 1534, conhece-se por um treslado de 1587 publicado (com erros) in J. F. Ferreira Martins, *História da Misericórdia de Goa. 1621-1910*, N. Goa, 1912, p. 485.

⁽¹⁷⁾ O documento citado na nota anterior refere a “rua dos poderes peguado com a Culualya” (sic) onde uma Isabel Botelha, viúva de Manuel Botelho, aforava uma botica em 1572 a António Gonçalves, sapateiro (ibid., p. 484).



conduzia ao *Açougue*, no exterior da moura Porta de Bacais (“do gado”), devendo portanto ser a paralela que desce entre a R. Direita e a do Mandovim: zona de matadouros, pouco populosa (6 casas) e atractiva. Aliás, toda esta metade oriental da cidade revela-se uma área menos qualificada, o que se patenteia na malha urbana mais larga e irregular que a da outra metade. Apenas a pressão demográfica ocupá-la-ia totalmente (como mostra Linschoten), correspondendo à transferência do matadouro para as colinas longe do perímetro externo, na zona conhecida por *Mata-Vacas*: uma curiosa mutação semântica, aliás, em que a substituição dos porcos pelo gado bovino revela, mais do que qualquer alteração dos hábitos alimentares, uma mudança de signo ideológico e político — da luta anti-muçulmana para a anti-hindu.

A **Rua do Crucifixo** é outro exemplo dessa afirmação da fé: o nome provém da capela construída sobre uma casa moura em cujos alicerces, rezam as crónicas, foi encontrado em 1512 um crucifixo, que Afonso de Albuquerque enviou a D. Manuel. A rua que figura com tal designação nas plantas de Herédia e Faria e Sousa atravessa a cidade em sentido perpendicular ao rio, formando a meio um cotovelo devido à preexistência de uma mesquita, onde se ergueria a cerca franciscana e o paço episcopal: longa artéria ainda pouco densa que ia ter à Ribeira, habitada no início por “mestres” (médicos?) e no final por oficiais mecânicos, sem o bulício da seguinte.

A **Rua do Governador** seria a paralela entre esta e a R. Direita, retirando o seu nome do facto de ter sido preferida para residência dos vice-reis no período que medeou entre a reforma do Palácio do Sabaio e a mudança definitiva para a Fortaleza (1554). Nuno da Cunha, a quem uma estadia em Roma mudara os padrões de conforto, aí deve ter invernado muitas vezes em casas devidamente preparadas, tal como em 1547 o vedor Rui Gonçalves de Caminha propunha a D. João de Castro. Era, pois, uma rua habitada por figuras de relevo social, como um irmão do ouvidor-geral da Índia e, talvez, o cartógrafo Fernão Vaz Dourado.

Com a **Rua do Mosteiro** — referência evidente ao “mosteiro” de S. Francisco, então a única casa religiosa existente na cidade — inicia-se o rol das *travessas*, ruas perpendiculares às anteriores e paralelas ao rio. O convento franciscano fora fundado em 1517 nas casas do falecido tanadar João Machado, onde se abriu o *terreiro*, fazendo-se a igreja em chãos pertencentes a mulheres indígenas. Com 11 moradores, a rua cruzava a do Crucifixo e viria a prolongar o adro para lá do fosso, criando uma das

principais entradas da cidade, em cujo gaveto (o *Bazar de S. Francisco*) se encontrava o núcleo periférico d'As 3 *boticas* e do *Terreiro do Galo*, enobrecido pela construção da basílica do Bom Jesus.

No lado oposto, a **Rua de Figueiredo e o Terreiro** (por excelência, que era então ainda o do Sabaio e não o do Castelo, futuro *Terreiro dos Vice-Reis*) eram o real fulcro da urbe: uma situação que só o ulterior desenvolvimento da Ribeira viria modificar. A travessa unindo a Rua Direita ao palácio do "Shahbai" e o espaço frente às escadas e arcarias deste, constituíam não só o centro geométrico e o coração da cidade, onde estavam as casas da Câmara e se viria implantar a Sé (1562) — no único lado disponível da praça, tendo por isso a fachada insolitamente voltada a nascente —, como era o local mais valorizado de Goa, contando-se entre os seus 22 moradores alguns dos nomes mais sonantes da cidade, como o tanadar-mor Cristóvão de Figueiredo (que deu nome à rua), o vedor Rui Gonçalves de Caminha, o feitor Miguel do Vale, o milionário Galvão Viegas e o fidalgo-mercador Nuno Pereira, cuja casa costumava receber D. Álvaro de Castro. É deveras instrutivo constatar esses laços de vizinhança, reflectindo tendências de um grupo que se assume como constante protagonista. O contraste não podia ser maior com a população rala e anónima do arruamento recenseado a seguir.

Rua das Flores era a designação dada mais tarde ao trecho fora de portas que ligava o Mandovim ao mosteiro de S. Domingos. Em 1535 seria, logicamente, o seu troço inicial, a longa travessa intramuros que ligava o centro da cidade à Porta do Mandovim. Devia atravessar terras ainda em grande parte não edificadas — apenas 10 fogos recenseados em que preponderavam jardins e quintais (Linschoten), e só algumas décadas mais tarde aparece regularmente urbanizada (Herédia). Já a **Rua do Adail**, mais densa — um total de 14 moradores, apesar da menor extensão — e muito mais valorizada (675 pardaus em média contra 330 naquela), deve ser a bem delineada travessa que fechava a sul o xadrez da cidade, entre o terreiro do Sabaio e o da Misericórdia. O capitão de batedores, ou adail, que lhe deu o nome habitava-a a meio: o histórico Diogo Fernandes, "o adail de Goa", nomeado em 1510 por Afonso de Albuquerque para esse cargo que ocupou pelo menos até 1536, e "vindo a este reino sempre foi chamado per este nome, que ali ganhou com honrados feitos"⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁸⁾ João de Barros, *Ásia*, *ibid.*, p. 205.

A última rua é também a mais longa e povoada depois da R. Direita: com 34 moradores recenseados e 500 pardaus “per capita” de média, a **Rua do Armazém** era, decerto, a que atravessava a cidade desde a Porta do Mandovim até vir entestar na **Rua à Porta de Santa Catarina**, frente à capela da padroeira (e catedral provisória). O seu crescente relevo, que faria estabelecer aí a Casa dos Contos e o paço episcopal, advinha-lhe da importância como eixo de circulação e da proximidade das alfândegas, o que explica que fosse habitada por oficiais especializados — pedreiros, peloteiros, mas sobretudo de mesteres ligados ao armazenamento de géneros (latoeiros, caldeireiros, ferreiros) —, além de funcionários dos armazéns e alguns mercadores. Meio século mais tarde, a expansão da Ribeira levaria esses mesterais a afastarem-se para o interior criando arruamentos próprios, a *rua dos Ferreiros*, a *Caldeiraria*, a *rua dos Chapeleiros*, a *rua dos Surradores*, ao mesmo tempo que a Alfândega e toda a Ribeira se desenvolviam num enorme complexo portuário à semelhança do de Lisboa.

Concluamos esta breve panorama com a visita às ruas situadas extramuros: “as ruas de Fora” como diz o rol, para as distinguir da zona periférica dos Passos. Os recenseadores parecem ter seguido aí uma ordem no sentido leste-oeste que vai do menos ao mais importante, como se pretendessem evidenciar não uma sequência topográfica mas uma visão de futuro: essas “ruas” (que aqui devemos imaginar como caminhos informes) são outros tantos eixos de crescimento urbano, que irradiam como um leque a partir do núcleo da cidade amuralhada.

A zona **Da Porta da Cidade pera o Mandovim**, englobando toda a esplanada exterior ao fosso desde o açougue até ao cais da Alfândega em que se ergueria o famoso recinto do *Bangasal* ou “mercado”, concentrava as actividades navais indígenas. Foram aí contabilizados 48 contribuintes da mais variada índole — sapateiros, torneiros, um “pedreiro da terra”, junto com nobres e algumas das grandes fortunas da cidade — cujo nível cresce nitidamente à medida que nos afastamos da muralha e caminhamos a montante do rio, até “alem de Santa Luzia”. Os terrenos estavam em franca valorização neste florescente arrabalde, justamente onde tinham início as obras de canalização da nascente do Monte para o Mandovim a que se destinava a finta: por isso a ermida de Santa Luzia foi erigida em paróquia após 1544; e aí perto vieram se instalar os Dominicanos em 1548, “junto de huma fonte ao pé de Santa Maria do Monte [o Chafariz do Mandovim, então já concluído], em que tomarão muitas casas de pobres

homens”, entrando em prolongado litígio com o cavaleiro Pero Godinho, “que por ser rico se defendeo”, conforme narra Gaspar Correia (*Lendas da Índia*, IV, p.670).

A **Rua de Nossa Senhora do Monte**, contornando o outeiro que sobe à capelinha votiva mandada erguer por Afonso de Albuquerque e ampliada em 1557, contava já com 42 moradores portugueses, muitos dos quais indianizados ou nativos cristãos: uma java, uma persa, um genro do “língua” (intérprete) João Machado, um *da terra*, etc., justificando a tradição segundo a qual teria aí existido um pagode.

A estrada para Banastarim, o principal porto de passagem para a terra firme, formava no seu início uma extensa corredoura, a **Rua da Carreira dos Cavalos**, mais tarde designada por *Rua de São Paulo* quando S. Francisco Xavier nela estabeleceu em 1543 o célebre Colégio de S. Paulo. Era onde se experimentavam os cavalos em jogos e correrias, um costume que os Jesuítas souberam manter organizando na rua, como viu Pyrard, “muitos jogos e folguedos” nos dias solenes. Por isto, e devido à sua extensão, era a mais densamente habitada de todas as extramuros, com 75 moradores cristãos, muitos dos quais ligados à administração municipal (entre eles um pedreiro João Fernandes que pensamos ser o próprio autor do rol).

Por razões que ignoramos, a **Rua de Stº António** aparece fora da ordem, pois era sem dúvida a que assim se chamou até tarde, situada no extremo oposto da cidade: a subida conduzindo à igreja do mesmo nome e respectivo terreiro, e à ermida (depois priorado) de Nª Srª do Rosário, ambas fundadas por Albuquerque. Em 1526 o seu companheiro de armas Pero de Faria comprara essas terras para fazer casa e lotear o restante, para com a renda manter as 2 capelas. Mas 10 anos depois ainda era zona pouco atraente e com o mínimo valor de 165 pardaus — a mais baixa média em todo o rol — para cada um de seus 40 habitantes (entre os quais 2 ermitões e uma significativa colónia levantina); o que explica que aí se viessem concentrar no século XVII as grandes casas monásticas que lhe valeram o nome de “Monte Santo”.

Em contrapartida, a **Rua das Manilhas**, isto é, das pulseiras de ouro — decerto a depois designada por *Rua dos Ourives*, que ligava a de S. Paulo à praça do *Pelourinho Velho* — apesar de pouco extensa (apenas 19 moradores) encerrava a maior concentração de riqueza do arrabalde, superior mesmo à de grande parte das ruas intramuros. E o mesmo pode ser dito do primeiro troço, antes de iniciar a subida, da **Rua de Nossa**

Senhora da Luz — o prolongamento externo da Rua Direita até à ermida do mesmo nome, feita paroquial em 1543 e muito da devoção de D. João de Castro —, onde residiam figuras proeminentes como o arménio Vasco Fernandes, uma das maiores fortunas de Goa.

A **Rua do Peixe** sai da ordem (por troca com a de St^o António?), se ela era o *Bazar do Peixe* indicado no mapa de Faria e Sousa, o que parece confirmar o facto de entre os seus incaracterísticos moradores figurarem 3 malabares; mas não a conseguimos ver no confuso conjunto do “Bazar Grande” junto ao Mandovi. Duvidosa é também a **Rua de Ana Luís** (um nome que não sabemos identificar), talvez o início da estrada para Daugim após a *Rua dos Baneanes*, a rica casta dos comerciantes gujarates. Com 47 moradores e um valor médio que a aproxima das artérias comerciais do Mandovim e de N^a Sr^a da Luz — e em que, como nesta, a metade inicial tem supremacia nítida —, ela terminaria próximo do *tanque de Timoja*, zona já suburbana de lazer com bons arvoredos (o *Fundo Bosque* marcado por Faria e Sousa) onde o governador D. Duarte de Meneses (1522-24), para escândalo de muitos, “hia nadar e folgar com mulheres solteiras”⁽¹⁹⁾.

A **Rua das Pedreiras**, se era a depois conhecida por *Rua dos Carregados*, saía da de St^o António junto à bifurcação das “3 boticas” e internava-se até à tardia ermida de St^o André por encostas de onde deviam ser extraídos os blocos de laterite usados na reconstrução da cidade. Com destaque para o valente alferes Duarte Barbudo, não atraíu mais que uma população mediana de bombardeiros e calafates.

Totalmente diferente é o panorama que captamos ao longo da Ribeira no lado ocidental. O **Bairro das Naus de Ormuz**, então ainda apenas um aglomerado informe de casas (que incluía a zona da mancebia, a *Ilha do Fogo* do mapa de Faria e Sousa), só aos poucos seria organizado na extensa rua ligando o adro de S. Francisco ao começo do arrabalde; mas era já das zonas mais densamente povoadas, e o valor imobiliário quase iguala o do “Bazar Grande” no outro extremo. Entre os seus 62 moradores encontramos fidalgos, altos funcionários, pilotos e estrangeiros decerto ligados à actividade naval. É curioso constatar que, ao invés das subidas aos outeiros, aqui é no troço final, já no arrabalde de Banganim frente ao mar, a caminho da igreja de S. Pedro de Panelim (construída em 1542-43), que o nível económico e social dos moradores cresce: um bacharel

⁽¹⁹⁾ Correia, *Lendas da Índia*, II, pp. 537 e 709; e Barros, *Ásia*, ibid., p. 218.

(que deu nome à *Horta* e ao *Beco do Bacharel*), os abastados Reboredos, o tanadar de Ribandar, e sobretudo os mercadores António Correia e Diogo Botelho, cujas casas com cais privativo eram ponto de referência para a navegação e serviam de acolhida aos vice-reis.

O cais da Rua das Naus de Ormuz, a que acostavam as naus trazendo os cobiçados cavalos persas e árabes, continuava sem interrupção pela estrada para **Pangim - o passo** onde se atravessava para Bardês -, toda ela já urbanizada, somando 18 moradores. Com excepção do **passo de Daugim**, que levava à ilha de Divar, e do de **Benesterim** para a terra firme, os restantes não possuíam mais que 2 pobres funcionários obrigados a aí residir pelo exercício das suas funções. O que indica que o interior das Ilhas era completamente hindu, muito diverso daquela paisagem de igrejas e cruzeiros a que a tradição nos habituou.

Um quarto de século após a conquista, ainda era, pois, escassa ou nula a penetração na terra: os portugueses de Goa preferiam alinhar-se ao longo do litoral ou garantir a sua segurança ao abrigo das muralhas da cidade — uma situação que apenas começaria a mudar, em grande parte sob a acção dos missionários, a partir da 2ª metade do século. É o retrato de uma cidade assediada o que, à primeira impressão, colhemos do rol de 1535.

Este rápido bosquejo não faz, com certeza, justiça à vitalidade e grandeza de metrópole portuária que Goa já começava então a ser, abrigando sob a mesma lei gentes da Alemanha até Socotorá, da Córsega a Java, num prenúncio do seu futuro cosmopolita. Mas é possível, quanto a nós, retirar daí algumas conclusões interessantes no que diz respeito à morfologia urbana e suas implicações políticas.

Do próprio elenco de ruas parece deduzir-se que a sua sequência não é arbitrária, antes espelha uma ordem e hierarquia inscritas na estrutura da cidade. Esta já extravasava das muralhas, mas mantinha intactas as linhas orgânicas e uma lógica que os recenseadores não mais fizeram do que seguir: na oposição entre o centro e a periferia, na tensão entre dois núcleos (o do poder político-religioso e o da actividade económica, que acabaria por prevalecer “puxando” a residência dos vice-reis para a Ribeira), ou na crescente especialização e complexidade das instalações navais, em competição com as de Cochim.

A muralha desenha uma oval que tem por nó de ligação ao mar a Fortaleza, sede do capitão-mor e feitoria, e comunica com o exterior por 4 aberturas: a *Porta da Cidade* (antiga “de Bacais”) voltada a terra, a *de Stª*

Catarina a poente, a *do Mandovim* a nascente, e a *do Castelo* ao lado da torre de menagem. Esse perímetro configura uma “sociotopografia” na expressão de Le Goff⁽²⁰⁾ — expressa na distribuição de espaços funcionalmente diferenciados, na geometria dos *terreiros* e sua articulação com as portas, e num sistema viário bastante regular, que a estatística de 1535 sugere e a toponímia posterior confirma. O desenho da cidade, que Pearson descreve como “of the same type as any other Indian (or medieval European) city”, aparece-nos, pelo contrário, muito disciplinado e nítido, como se pretendesse projectar no espaço uma determinada ideia de civilização racional e de justo governo.

Ao iniciar o rol pelas ruas Direita e da Cordoaria — os dois eixos em L que formavam as directrizes do núcleo urbano — e prosseguir com suas paralelas e travessas, os recenseadores deixam ver a malha ortogonal da cidade. O terreno que elas definem é demasiado regular para não ter sido objecto de intervenção planificada, em vastas operações de loteamento (ainda que parcelares e tardias) como as que sabemos que Albuquerque promoveu. O alinhamento em cordeação das ruas, a tipologia modular das casas (que fazia com que Pyrard de Laval comparasse em 1611 a alfândega do Bangasal à Place des Vosges de Paris!) e a regularidade dos lotes, com seus quintais ou pequenas hortas com poço nos fundos, parecem ter sido os traços mais característicos do urbanismo da Goa quinhentista.

De tudo isto emerge um programa de cidade com vocação de capital, cuja evidente modernidade não poderá senão ser atribuída ao próprio fundador. O seu sentido do uso político da forma urbana é evidenciado tanto pela transferência de bens aos “casados”, que tão grandes dissabores lhe trouxe, como por intervenções pontuais na cidade com inequívoco sabor renascentista, de que são exemplo o grande *forum* cruciforme de 48 lojas (6 por face) que ergueu na encruzilhada atrás da Sr^a da Serra, ou a fundação de capelas nos outeiros extramuros criando vias centrípetas de penetração no interior: no que, uma vez mais, Goa surge como a antítese de Cochim.

O rol de 1535 documenta, pois, uma situação de compromisso entre tendências que ainda não eram percebidas como divergentes; mas não era outra a essência da conjuntura cultural portuguesa do início do século. Ao pretender conciliar sob a égide de D. Manuel os interesses locais com

⁽²⁰⁾ Cfr. C. De Seta e J. Le Goff, *La città e le mura*, Laterza, 1989, p. 4.

os coloniais, os públicos com os privados, e os tradicionais com outros francamente inovadores, improvisando uma estratégia urbana na faixa de intersecção entre a Idade Média e o Renascimento, Albuquerque assumiu-se como intérprete dos desígnios ideológicos e estéticos do “Manuelino”. E talvez por isso mesmo tenha podido definir para Goa uma ideia moderna de metrópole à europeia para uma sociedade luso-indiana.

ROL DA FINTA DOS PORTUGUESES

(Para facilidade de leitura, desenvolveram-se todas as abreviaturas, tanto correntes — Frc^o, Ant^o, A^o, Frz, Roiz, etc. — como mais raras: meirinho (mr^o), Estêvao (Est^o), Paulo (Pl^o), Godinho (Gd^o), Vicenço (Vç^o), e separou-se por uma vírgula o nome dos dados pessoais, pondo em itálico o que parecem ser alcunhas. Introduzimos notas para os personagens mais conhecidos: muito incompletas, são apenas uma lembrança da obra ingente do Visconde de Lagoa e da necessidade de levar a cabo a prosopografia dos portugueses no Oriente no século XVI.)

Rua direita

Bastiam Gonçalves ⁽¹⁾	300	pardaos
Joam Fernandes	1000	
Diogo Rodrigues	2000	
Joana Rodrigues	300	
Gonçalo Fernandes	100	
João Rodrigues, sirieiro	100	
Pero Garçia ⁽²⁾	4000	

⁽¹⁾ “Casado, cavalleiro e da criação d’elRey”, em Setembro de 1514 fora nomeado capitão da fortaleza de S. Pedro de Benasterim mas destituído por suspeitas de conluio com João Machado (*Lendas da Índia*, II, 314). Casado com Maria Vaz, criada de Afonso de Albuquerque, é o primeiro numa lista dos “casados de Goa” feita em Outubro desse ano (A. C. G. da Silva Correia, *História da Colonização Portuguesa na Índia*, I, 393).

⁽²⁾ Uma das grandes fortunas da cidade, era mesário da Misericórdia em 1547 quando assinou uma carta felicitando D. João de Castro pelas suas vitórias

Graviell Fernandes	2000
Graviell Correa, çirheiro	600
Amtonio Calvo	200
Domingos de Moraes, syrgueiro	100
Gomes Rodrigues	200
Marja Gomes	500
Symão Fernandes	100
Fernam Rodrigues, gemro de Pero Garçia	200
Crara d'Oliveira	1500
Manuell Dias, syrgueiro	500
Diogo Vaz, allfaiate	20
Jorge Gomes ⁽³⁾	300
Isabell Dias	200
Diogo de Leão	300
Diogo Fernandes, alfaiate	1000
Francisco Rabello	4000
Diogo Fernandes, çapateiro	300
Caterjna Vaaz	100
João Ximenez	600
Alvoro Pires	100
A molher de Rodrigo Alemão	200
Amrique Alvares	100
Amtonio Gomes, correeiro	200
Jorje Llopes, çapateiro	400
Joam Paulo, o orives	100
Adão Gonçalves	400
João Gonçalves, barbeiro	1800
Pero Dias	100
Lianor Ferreira	100
Diogo Fernandes, çapateiro de Riba	500

em Cambaia (A. Cortesão e L. de Albuquerque, *Obras Completas de D. João de Castro*, vol. 3, p. 470).

⁽³⁾ Um Jorge Gomes foi a partir de 1527 “mestre das obras da cidade de Goa” (F. Sousa Viterbo, *Dicionário dos Arquitectos*, I, 431) e ofertou em 1532 a pia baptismal hoje na Sé. Pensamos ser este pelo local de residência e nível de fortuna, mas havia homónimos na R. das Flores e R. das Manilhas.

Afonso Dias, alfaiate	200
Baltasar Fernandes, Jao	200
Duarte Fernandes, veuvo	500
Fernam Rodrigues, buticairo	1000
Fernam Manuell	600
Bastiam Gonçalves, seleiro	2000
Alvaro Vaz, hadargueiro	200
Lopo Vaaz	500
Andre Gonçalves, çapateiro	100
Bras Alvares, çapateiro	500
Mateus Alvares, barbeiro	1000
Francisco Rodrigues, çapateiro	100
Joaõ de Sea	400
Amtonio Llopes	—
Manoell Pachequo, orives	1000
Amtonio Fernandes, çapateiro	200
Bastiam Riscado	1000
João Rodrigues, boticairo ⁽⁴⁾	2000
Jacome Diaz, çurrador	500
Pero de Caçeres	100
Domjngos d'Afonsequa ⁽⁵⁾	200
Pero Amriques	—
Pero Fernandes <i>Comçiença</i>	200
João Dias, çapateiro	200
Roque Marques	1000
O çapateiro que vive nas casas de Bras de Sea	100

⁽⁴⁾ Irmão de André de Resende? Um dos “homens casados e omrados” que em 1536 participaram a cavalo na defesa de Salsete, Gaspar Correia narra o episódio que aí lhe sucedeu (*Lendas*, III, 691). Era vereador em 1546 e tinha negócios com Bengala (Cortesão-Albuquerque, *Obras...*, 3, 255 e 365); e não é impossível que fosse o “meu irmão Joam Rodrigues, que em essa cidade de Goa mora” a que alude o humanista eborense na sua carta a D. João de Castro de 16 de Março de 1547.

⁽⁵⁾ Guarda do Tronco em 1540, era “homem cafre, casado e homrado” (*Lendas*, IV, 149); mas em 1547, casado com uma filha de Gonçalo Vaz Coutinho, dizia dele Rui Gonçalves de Caminha que “he o mor ladrão e o mor desavergunhado que nunca vy”... (*Obras*, 3, 497).

Pero Cardoso, corrieiro ⁽⁶⁾	1000
Francisco Fernandes, corrieiro	400
Gaspar Lourenço	2000

Rua da cordoaria

Diogo Fernandes, de Villar do Ouro	200
Francisco Llopes, apomtador	1000
Luis Collaço, que foy meirinho	500
Bastiam d'Afonsequa	1000
Alvaro Godinho ⁽⁷⁾	1500
Francisco de Brito ⁽⁸⁾	1500
Francisco Ribeiro	600
Diogo Dias, cordoeiro	600
Amtonio Toscano	200
O comdestabre	1000
Haleixos Vaaz	800
João Fernandes, meirinho dos relegos	150
Bastiam Paes	300
João de Faria	1000
Jorje Rodrigues	1000

⁽⁶⁾ Sobre o famoso empréstimo pedido em 1546 à cidade de Goa por D. João de Castro para a reconstrução de Diu, escrevia-lhe em Dezembro o vedor Rui Gonçalves que “somente hum currieiro que se chama Pero Cardoso, a que a cidade tem feito muita merçe de chãos e outras cousas, que se opo e dixe que não avia d’emprestar nada, sendo muito rico”; mas acabaria por pagar 100 pardaus e felicitar mais tarde o Governador como mesário da Misericórdia (*Obras*, 3, 279 e 341).

⁽⁷⁾ Um dos veteranos da conquista de Goa, foi feito tesoureiro da Casa da Moeda em 1510 (*Comentários de Afonso de Albuquerque*, Parte III, p. 49). Defendeu “em hua caravella bem armada” o passo de Agacim em 1511 e foi um dos 40 moradores “casados que tinham cavallos” que expulsou as tropas mouras (*Lendas*, II, 186 e 189).

⁽⁸⁾ Tido por um dos “homens fidalgos e de mor valia que avia dentro em Goa”, apoiou a sucessão de Lopo Vaz em 1527 e participou em 1530 na armada de Nuno da Cunha contra Diu como capitão de uma galeota, e em 1533 na ocupação de Baçaim (*Lendas*, III, *passim*).

Francisco Ferrão	1000
Manuel Pedro	300
Manuel João	200
Pero Fernandes de Çofalla	500
Manoell Furtado	1000
Christovão Rodrigues	200
Gomçallo Dias	100

Rua de mestre João de Ruão

João Fernandes, do Paso Sequo	300
Fernam Rodrigues	100
Gomçallo Vaaz Coutinho ⁽⁹⁾	1000
Fernam Vicente, barbeiro	100
Bastiam Mendes	500
Duarte Pereira ⁽¹⁰⁾	4000
Salvador Afonso	1000
Diogo Rodrigues, de Moçambique	1000
João Farinha ⁽¹¹⁾	500
Francisco Alvares da Veiga	200
Fernam Martins, que foi scprivam da fazenda	1000
Mestre Joam ⁽¹²⁾	300

⁽⁹⁾ Figura interessante, a merecer biografia: era fidalgo e um dos “bons cavaleiros” de Goa, distinguindo-se em vários feitos de guerra, da campanha de António da Silveira em Cambaia em 1530 à defesa de Rachol em 1536 (*Lendas*, III, 348, 465-6 e 756-8). Herói do 1º cerco de Diu, era “grande amigo” do governador Martim Afonso de Sousa; mas, “por grandes crimes e males que tinha feytos”, foi preso no Tronco e, após organizar em 1540 uma aventureira fuga, tornou-se “alevantado” na costa de Bengala e Pegu, à frente de uma frota de 6 velas e 600 homens, acabando por se juntar ao Hidalcão, “onde ficou perfeyto mouro” (ibid., IV, 148-52 e 540).

⁽¹⁰⁾ A avaliar pela sua fortuna, pode ter sido o mesmo que o vice-rei D. Francisco de Almeida deixou em 1505 como feitor e alcaide-mor na ilha de Anjediva, tendo depois passado a Goa.

⁽¹¹⁾ Piloto “casado em Goa” com uma portuguesa cativa em Diu, cuja romanesca história narra Gaspar Correia (*Lendas*, II, 755).

⁽¹²⁾ Decerto o que deu o nome à rua: podia ser um dos muitos técnicos da Europa do Norte atraídos pela expansão portuguesa, como o seu conterraneo

Bastiam Fernandes	500
Bastiam Rodrigues, barbeiro	300
Christovão Afonso ⁽¹³⁾	1000
João Gonçallves, barbeiro, o moço	300
Gonçalo Garçia, pilloto	500

Rua de Sam Jorje

Maria Pereira	500
Manuell Fernandes, alfaiate, que esta em casa de Duarte Fernandes, seu sogro	100
Joam Fernandes	1500
Dioguo Vaz ⁽¹⁴⁾	1000
Saldanha	100
Luis de Pramchas	50
Ruy Barbudo	50
Manuell de Vascogomçellos ⁽¹⁵⁾	3000
Belltesar Rodrigues	1500
Lujs Alvares	2000
A mulher do patrão	500
Bastiam Ribeiro	

normando Petit João, bombardeiro estabelecido em Arzila em começos do século XVI que deu nome a uma rua do castelo desta vila.

⁽¹³⁾ Em 1515 ajudou a matar Rais Ahmed em Ormuz com Albuquerque, e em 1524 era “o principal vereador da câmara de Goa” (Visc. de Lagoa, ob. cit., 2, pp. 42-45).

⁽¹⁴⁾ Seria o ourives que em 1545 a rainha D. Catarina pedia a D. João de Castro para mandar a Ceilão comprar jóias, “por que he homem que o bem entende e conhece as pedras e ouro e sabe ordenar tudo” (*Obras*, 3, 60 e passim)?

⁽¹⁵⁾ Fidalgo por alcunha “o Casado”, era capitão-mor de Goa e participou na armada de António da Silveira a Cambaia, tendo destruído Mangalor (Castanheda, ob. cit., Livro VIII, caps. 50 e 105 e pp. 562 e 572). Se era o mesmo “bom cavaleiro, natural da Madeira”, foi marido da heroína Isabel da Veiga (Lopo de Sousa Coutinho, *O Primeiro Cerco de Diu*, ed. Alfa, 1989, p. 153).

Rua do Mandovim

Amtonio de Vivar	100
Margarjda Rodrigues	100
Çizilia Velha	100
Pero d'Oliveira	1500
Adam Lourenço	500
Bastiam Alvares	800
Rodrigo Dointe	300
Gaspar Matella	100
Diogo de Lucena ⁽¹⁶⁾	300
Estevão Vaaz	300
Alvoro Llopes	200
Ruj Teixeira	200

Rua de Mataporcos

João Vieira	100
Afonso Frade	100
Pero Gonçalves	100
Alvoro Fernandes	500
Afonso Gonçalves, veuvo	1000
Jorje Dias, besteiro	500

Rua do corçefixo

Mestre Jacques françes	500
João Gonçalves <i>Cralhe</i>	100
O preto frisador	
Luis Eanes <i>ho Chibo</i>	500
Francisco Fernamdes	1000
Symão	100

⁽¹⁶⁾ Porventura parente do Martim de Lucena que estadeava em 1521 em Bengala (L. F. Thomaz in *Voyage dans les deltas du Gange et de l'Irraouaddy*, Paris, 1988, pp. 404-6).

Andre Gonçalves	—
Mestre Christovão	500
Pero Eanes, allfaiate	200
Afonso Rodrigues	500
João Pires	500
Marta Fernandes	100
Francisco Barbudo	200
Felipa de Brito, solteira	100
Amtonio d'Azevedo	1000
Mestre João	2000
Pero de Queiros	300
Gonçalo Fernandes	500
João Martins	100
Gaspar Homem	100
Bemto Lopes	500
Duarte Fernandes, capateiro	100
Diogo de Llemos	100
Martim Gomes ⁽¹⁷⁾	100

Rua do Sôr Governador

Amtonio Lopes	100
Bemto Martins	200
Paio Rodrigues d'Araujo ⁽¹⁸⁾	1000
Diogo Fernandes, do cabrestilho	500
Fernam Rodrigues	500
Pero Llopes	600

⁽¹⁷⁾ “Na cidade de Goa esta um mechanico que se chama Martim Gomes que tem servido a V. A. em muitas armadas e na cidade he sempre mister, por ser homem sufficiente para isso. He já velho e muito pobre; farmeha V. A. muita merce de lhe fazer merce do officio de aferidor das medidas de Goa em sua vida”: carta de D. João de Castro ao Rei, de Diu, a 16 de Dezembro de 1546 (*Obras*, 3, 320).

⁽¹⁸⁾ Um dos “mui valentes homens” em Diu (L. S. Coutinho, cit., p. 197), foi o único que nada deu para o empréstimo a D. João de Castro em 1546, “sendo ele rico e abastado” (*Obras*, 3, 279).

Bretesar Fernandes	200
Francisco Rodrigues	1000
Gaspar Fernandes	300
Amrique de Soire ⁽¹⁹⁾	500
Diogo Calvo ⁽²⁰⁾	1000
Gaspar Rodrigues	100
Christovão Dias	1000
Alvaro Memdes	200
Jorge Dias o <i>Corvo</i>	3000
Gonçalo d'Arvellos	600
Duarte Pires	1000
Fernam Vaaz ⁽²¹⁾	100
Jorge Francisco	500

Rua do mosteiro

Garcia Coelho	200
Britolameu Garçia	1500
Graviell Taboada	500
Symão Fernandes ⁽²²⁾	1000
Pero da Verga, capateiro	200
Francisco Luis	600
Amdre Camacho	—
Afonso Memdes	500
Jorje Fernandes	500
Gonçalo do Souto	2000
Martinh'Anes	200

⁽¹⁹⁾ Capitão duma fusta na defesa de Goa em 1517, seria parente de João de Soiro, ouvidor em Cochim (Castanheda, L. VIII, p. 562 ss).

⁽²⁰⁾ Criado de D. Nuno Manuel, negociava em Malaca e China em 1521 e era irmão do célebre Vasco Calvo (A. Cortesão, *A Suma Oriental*, p. 37).

⁽²¹⁾ Talvez fosse o goês Fernão Vaz Dourado, que em 1546 se distinguiu no cerco de Diu e viria a ser "o mais célebre e notável cartógrafo português" (*Portugaliae Monumenta Cartographica*, III, 3-6).

⁽²²⁾ Casado de Goa, era mocadão (chefe) dos "farazes"? ou tratadores de cavalos; faleceu em 1546 (*Obras*, 3, 202).

Rua de Figueiredo e Terreiro

Joam de Lemos	500
A madura	500
Christovão de Figueiredo ⁽²³⁾	3000
Natalim de Bachão ⁽²⁴⁾	2000
O feitor	2000
Galvão Viegas ⁽²⁵⁾	5000
Fernam d'Araujo	1000
Nuno Pereira ⁽²⁶⁾	2000
Ruj Gonçalves de Caminha ⁽²⁷⁾	1000
Amdre Ferreira	1500
João Coelho	200
Francisco Lopes	100
João Gonçalves, çapateiro	1000
João Vieira	200

⁽²³⁾ Fidalgo da casa real e escrivão da feitoria de Goa em 1514, era casado com Isabel de Almeida, filha do bramane hindu Gorkosse Naique (A. C. G. Silva Correia, ob. cit., p. 396). Ao anexar Salsete em 1532, o governador Nuno da Cunha, "grande seu privado", fê-lo tanadar-mor ou arrecadador das rendas dos gentios (Castanheda, L. VIII, p. 653).

⁽²⁴⁾ Irmão de Pero de Bachão e de Silvestre Corso, era "homem estrangeiro" vindo em 1511 para Goa "pera andarem em galés", tendo sido em 1524 nomeado escrivão da feitoria e em 1543 introduzido nova técnica de conserto dos navios (*Lendas*, II, 404, e IV, 266-7). Eram, pois, genoveses da Córsega.

⁽²⁵⁾ Adail de Goa em 1536, fora feitor em Chaul e embaixador ao Idalcão, com uma actividade aventureira que todos os cronistas e as cartas de D. João de Castro assinalam.

⁽²⁶⁾ Este fidalgo com negócios em Melinde, "casado de Goa" e capitão de Dabul (*Lendas*, passim), foi herói do 2º cerco de Diu, em consequência do qual morreu. As suas casas foram vendidas a alto preço pela viúva, Maria Nunes, a Cristóvão Dória e estavam perto das ocupadas por D. João de Castro (*Obras*, 3, 396).

⁽²⁷⁾ Vedor da Fazenda, amigo de Lucas Giraldes e de D. João de Castro (que sobre ele escrevia ao Rei que "he muito rico, em extremo isento, grande homem de negocio de muito credito em toda a terra"), é uma das figuras mais interessantes de Goa, que lhe valeu a recente edição de sua correspondência pelo saudoso Prof. Luís de Albuquerque: *Cartas de Rui Gonçalves de Caminha*, Publ. Alfa, Lisboa, 1989.

Bastiam do Basto	100
Luis do Reguo	100
Roque Gomes	500
Diogo Fernandes de Coimbra	500
Ruj Dias	200
Bastiam Alvares	100
Diogo Martins	1000

Rua das flores

João Dias	—
Jorge Ribeiro	600
Jorge Gomes	500
Manuel Afonso, sarralheiro	500
Bemto Fernandes	100
Afonso Caldeira	100
João Rodrigues da Ferraria	500
Fernam Dias	300
Manuell Dias	200
Joana Coelho	500

Rua do adail

Gill Gonçalves	100
Pero Eanes	50
Gonçalo Eanes	200
Pero Martins <i>Çego</i>	200
Gomçallo Barbudo	500
Pero Dias	100
Diogo Fernandes ⁽²⁸⁾	3000
Felipe Pires	1000
Pero Eanes	500

⁽²⁸⁾ Era, sem dúvida, este o antigo “adail de Goa” nomeado por Afonso de Albuquerque, cuja propriedade de 3 mil pardaus contrasta com a dos seus homónimos (9!), todos entre 100 e 500.

Gonçallo Fernandes	600
Estevão Gonçalves	600
Nicollao Pires	100
Gaspar Preto ⁽²⁹⁾	3000
João Guerra	500

Rua do almazem 'te Rua à Porta de Samta Caterjna

Belchior Lopes	200
Bastiam Fernandes, irmão de Maria Fernandes	200
Diogo Eanes, ferreiro	600
Tome Rodrigues	500
Jorge Garçes ⁽³⁰⁾	1000
João Raposo ⁽³¹⁾	2000
Fernam Furtado ⁽³²⁾	2000
Afonso Fernandes	600
Jorge Fernandes	100
Diogo da Costa	1000
Jorje Gonçalves	100
Jorje Dias, pedreiro	200
João Dias	—
Manuel Carvalho	600
Afonso Vaaz Pestana	1500
Duarte Pereira, do catur	600

⁽²⁹⁾ Entre os casados de Goa que em 1535 foram a Diu, Nuno da Cunha enviou com a embaixada a Chaul “hum cavalleiro chamado Gaspar Preto, homem de muyta confiança” (Castanheda, 2, pp. 747 e 764-6).

⁽³⁰⁾ Pessoa de opinião influente em Goa “por parte delle ser estrolyco” (astrólogo), segundo Rui Gonçalves de Caminha (*Cartas*, p. 84).

⁽³¹⁾ Talvez herdeiro do mercador Nuno Raposo, cunhado do célebre capitão Diogo Fernandes de Beja, que fez casa em 1511 neste preciso local: “huma estancia no muro da cidade, que foy da porta do Mandovi ate a forteleza, per onde ora está a casa da polvora” (*Lendas*, II, 199).

⁽³²⁾ “Bom fidalgo e cavaleiro”, capitão de um caravela e “homem de nome” em Goa, aparece citado até 1543 (*Lendas*, passim).

Pero Rodrigues	300
Domjngos Afonso	100
Cosmo Fernandes	1000
Diogo Fernandes	100
Vasco de Freitas	100
Pero Jorje	—
Vasco de Matos	100
A mulher que foy de Mateus Fernandes	500
Estevão Afonso, do almazem	500
Afonso Madeira	500
Francisco d'Almão, latoeiro	200
Francisco Vaaz Pimenta	2000
O caldeireiro, per nome Fernam d'Alvares	300
João Banha	500
Ruj Varella	2000
Fernam Gomes	300
O peloteiro	200
Gonçalo Carreiro, jemro d'o <i>Cavallo</i>	200

Fora 1 — da Porta da Cidade pera o Mandovim

Ruj Fernandes	100
Manuell Gonçalves, çapateiro	100
Gonçalo Fernandes, gemro de Fernam Furtado	100
Felipe Garçia	100
Marcos Fernandes	200
Gonçalo Moreno	100
Estevão de Chaves	600
Afonso Vaaz	500
Alvaro Pires, gemro d'Afomso Vaaz	400
Lopo de Paiva	100
Amdre Fernandes, junto de Gravjell Mendes	100
Gravjell Mendes	300
João Pires	100
Jorge Afonso	100
Fernam Vaaz	100
Estevam Martins, pedreiro	800
Gaspar Gomes	200

Nuno Vaaz, pedreiro da terra	200
Diogo Fernandes, jemro de Martim Vaaz	200
Ruj Pires	100
Fernam Dias do Crasto	200
Jorje Gonçalves, pedreiro	100
Duarte Afonso, torneiro	500
Fernam Dias, torneiro	200
Martim Vaz, carpinteiro	200
Diogo Fernandes <i>Gago</i> , junto de Pero Godinho	300
Gonçalo da Gramda	300
João Afonso, o mocadão	500
João Rodrigues Machado	1000
Vicenzo Alvares	500
Jorge Godinho	500
Felipe Rodrigues, jemro de Gonçalo de Torres	100
Mestre Pero	500
Pero Godinho ⁽³³⁾	3000
Jerónimo Ferreira ⁽³⁴⁾	4000
Diogo Nunes	500
Antonio Rodrigues	1000
Gonçalo Eanes, alem de Santa Luzia	100
João Afonso	
Afonso Moreira	100
Manuell Rodrigues de Vascogomçellos	500
Pero Mateus, afillador	100
Pero Carvalho	100
Pero de Torres, frances, a Samta Luzia	100
Antam Saraiva, habaixo da fonte	100

⁽³³⁾ Casado com uma bramane em 1513 e proprietário de “huma horta com seu assento de casas” que teve de ceder para a construção do claustro dominicano (*Cartas de Afonso de Albuquerque*, V, 430; *Lendas* III, 690 e 741, IV, 670 e 703, Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, 2, 266), é o primeiro vereador conhecido em Goa, em 1517, enviado em 1519 ao Reino para pedir a D. Manuel a confirmação dos privilégios da cidade (V. de Albuquerque, *O Senado de Goa*, p. 42) e nomeado em 1520 almoxarife dos armazens, vedor das obras e escrivão dos cavalos (J. Cunha Rivara, *Archivo Portuguez-Oriental*, 5, 1).

⁽³⁴⁾ Uma das maiores fortunas da cidade e vereador em 1547, era cunhado do juiz Fernão Lopes (*Obras*, 3, 343).

Goterre d'Aboim	500
João da Costa ⁽³⁵⁾	2000
Diogo Lopes	100

Rua de Nosa Senhora do Monte

Lopo Fernandes	250
Pero Vieira	100
Jorge Gonçallves	100
João Alvares	100
Mestre Lourenço	100
Jorge Pires	300
Vicente Gill	100
Damiam Gomes	300
O marjdo da Java que foy molher de João Gallego	200
Francisco Gonçallves	100
Lujs d'Evora	—
João Lopes	200
Amtonio Afonso	200
Diogo Fernandes	100
Ruj Fernandes	100
Gaspar Vaaz ⁽³⁶⁾	100
Lopo de Tavora	100
Pero Esteveens	500
João Fernandes	100
Jorge Fernandes	—
Amtonio Alvares, meirinho	500
Ruj Lleitão da Cunha	500
Pero Fernam Dias	200
Gomçallo Pires	100
Fruytoso Lopes	100

⁽³⁵⁾ Foi eleito vereador da câmara juntamente com o anterior (ibid.).

⁽³⁶⁾ Já tinha casa em Goa em 1513, onde residiu seu sogro, o "língua" João Machado (M. A. Lima Cruz, in *Mare Liberum*, nº 5, pp. 44-5).

Gonçalo Gonçalves	200
Diogo Gomes	—
Francisco Barroso	—
Pero Fernandes, escrivão	200
Gaspar Rodrigues	200
Duarte Pires	100
Diogo Fernandes, da terra	100
Gomes Aires	100
Francisco Llopes	1000
Gomes Muacho (sic)	100
Amtonio Macho	200
Lionardo de Figueiredo	500
João Leite	100
João Vicente	100
Diogo Fernandes, do comde ⁽³⁷⁾	1000
Amdre Gonçallves, capateiro	200

Rua da Carreira dos Cavalos

Belchior Fernandes	1000
Amtonio Goncallves, seleiro	1000
Amtonio Fernandes, comendador	2000
Afonso Eanes	1000
Diogo Lopes	500
Francisco Llopes	2000
Fernam de Llemos	1000
Pero Afonso, ferrador	100
Diogo Martins	1500
Amdre Anes, que foy çurrador	500
Marcos Fernandes	200
Luis Tremeisão ⁽³⁸⁾	1500

⁽³⁷⁾ Dito criado “do Conde” (isto é, decerto do conde-almirante Vasco da Gama) para o distinguir dos homónimos, deve ser o que servira Afonso de Albuquerque e ainda servia em 1543 (*Lendas*, IV, 308).

⁽³⁸⁾ Era escrivão da Câmara em 1546, quando redigiu a resposta ao pedido de empréstimo (J. Freire de Andrade, *Vida de D. Joao de Castro*, p. 250).

Dioguo Froes	100
Pero de Mjramda	1000
Fernam de Mjdina	100
Ruj Dias, que foi tanadar	500
Francisco da Llajea	100
Pero Fernandes, çapateiro	100
Rodrigo Amriques	3000
Diogo d'Alvaremga	500
Felipe Gonçalves	2000
João Fernandes, pedreiro ⁽³⁹⁾	500
Fernam Cardoso	500
Amtonio Pires	500
Alvaro Afonso	100
Manoell de Faria ⁽⁴⁰⁾	1000
Leonel Ferreira	500
Martim Ribeiro	300
Gaspar Dias	100
Nunno Goncallves	200
Luis Cornejo	500
Diogo Martins, jemro de Nuno Gonçallves	1000
Nuno Alvares	600
Rodrigo Eanes Carreio	100
Fernam Llopes, que veo de Ormuz ⁽⁴¹⁾	100
Pero Esteves	100
Amtonio Fernandes ⁽⁴²⁾	100
Rodrigo Eanes	100
Antam Memdes	100
Bastiam Dias	100

⁽³⁹⁾ Deve ser o medidor da Câmara, um dos autores do rol.

⁽⁴⁰⁾ Pessoa conceituada em Goa, “que vive na Carreira dos Cavallos, muito homem de bem e de muito boa condição, riquo e sobre todo muito vertuoso”, que acolheu em casa uma das órfãs que em 1546 vieram do Reino (*Obras*, 3, 272).

⁽⁴¹⁾ Ver atrás nota 34.

⁽⁴²⁾ Talvez o tradutor de árabe de D. João de Castro (*Obras*, 4, 105).

Rua das manjilhas 'te o tanadar moor

Tome Lourenço	2000
João Moreira	200
Frey Amtonio Dias	1000
Francisco Heanes	500
João Gomçalves	100
Gravjell Gonçallves	500
Mateus de Sequeira	1000
Martim de Carvalhais	200
Estevão Gonçallves	500
Jorge Gomes	500
Afonso Piqueiro	600
Bastiam Lleitão	500
Pero de Lousada	1000
Afonso Pires, feitor d'Amtonio da Sylveira ⁽⁴³⁾	2000
Pero Eanes, hallemão	100
Cosmo Nunes	600
O Jrmão da mulher de Gaspar Lourenço, Pero Amriques	500
Sua mãy	—
Luis Fernamdes	100

Rua de Nosa Senhora da Lluz

Vasco Fernandes, armenjo	4000
Gill Mendes	500
Bretolameo Bispo ⁽⁴⁴⁾	1000

⁽⁴³⁾ Cunhado do gov. Nuno da Cunha, o fidalgo António da Silveira tinha desde 1530 interesses em Diu, em cujo 1º cerco “consumiu todo seu dinheiro, que diziam ser muito” (L. Sousa Coutinho, 14 e 147). Um seu criado (goês?) Pero Fernandes residia em Pangim, ao lado de 3 genros.

⁽⁴⁴⁾ Casado em Goa desde 1518, vereador em 1546 e homem “de muito serviço e esperiencia na guerra” que fez contra Dabul (*Obras*, 3, 282).

Alvaro d'Almeida	500
Belchior Leitão, jemro de dom Diogo	500
Mem Rodrigues	500
Goncalo Martins	100
Diogo Fernandes	100
Adão Rodrigues	—
Francisco Sallgado	100
Gonçalo Fernandes	—
Diogo Gonçallves ⁽⁴⁵⁾	100
Francisco Memdes	1000
Diogo Gill, çem pardaos	100
Ruberte Fernandes	500
Pero Eanes	100
Mateus Carvalho	600
João Fernandes	100
Rodrigo Antunnes	100
O gemro de Manuell Carvalho	100
Fernam Gonçallves	600
Manuell Raposo	100
Domjngos Paes	300

Rua do peixe

Pero Fernandes, bombardeiro	200
João Rodrigues	500
Fernam Rodrigues	500
João Alvares	200
Diogo Vaaz	100
Francisco Correa	500
Bras Llopes	100
Francisco Heanes	100
Pero de Sousa, malavar	100
Pero Memdes	200
Pero Femandes, malavar	100

⁽⁴⁵⁾ Provedor dos mesteres em 1546 (ibid., 4, 112).

Njcollao Memdes	100
O marjdo da çalaba	200
Manuell Rodrigues	100
<i>Villa de Comde</i>	1000
João Alvares, que foy meirinho	100
Afonso Paes	500
Gaspar Cardoso	1000
Jorge Gonçallves	500
Diogo da Rosa	800
Manuell Fidallgo	300

Rua d'Ana Luis ⁽⁴⁶⁾

Pero Fernamdes	100
Martim Garçia	1000
Alvare'Annes de Resemde	1000
Lionell Sardinha	500
João Fernandes, çacotorjno	500
Simão Lobato	1000
João d'Oliveira	1000
Amtonio Faleiro, çapateiro	200
Amtonio Sobrinho	800
Mateus Femandes	1000
João Fernandes	100
Gaspar Rodrigues, trombeta	1000
João de Carriazo ⁽⁴⁷⁾	600
João Fernandes, que tem o palmar em Bamolim ⁽⁴⁸⁾	300

⁽⁴⁶⁾ É "Rua danalujs" que se lê no original. A Misericórdia aforava em 1567 casas que herdou duma Mécia Luís, "ao Mandovy junta com Frc^o Pera tanadar moor", e em 1571 de "Maria Luis defunta que estão na tanoaria" (J. F. Ferréira Martins, ob. cit., vol. 2, pp. 482-3).

⁽⁴⁷⁾ "Da minha gente morreu somente nesta batalha hum cidadão que se chamava João de Carriazo", diz D. João de Castro da "gente de Goa" que o acampanhou a Salsete em Dezembro de 1547 (*Obras*, 3, 569).

⁽⁴⁸⁾ "Casado, morador nesta cidade... rico e abastado", antigo criado de D. Luis de Meneses, por quem Rui Gonçalves de Caminha intercedia em 1547

Alvaro Fernandes, porteiro	500
Afonso Pires	1000
Fernam Vaaz	500
Gaspar Fernandes	100
João Fernandes	100
Pero Lopes	100
Symão Barradas	200
Grigorjo Memdes	100
Amrique de Meneses	2000
Rodrigo Afonso, de Campo Maior	500
Afonso Coelho	100
Pero Fernandes, marjnhreiro	100
Amdre Alvares	200
Gonçalo Fernandes	100
Antam Gonçallves	800
Luj's Fernandes, jemro de Fernam de Lixboa	500
Jorje Pires	100
Alvaro Pires	200
Belchior Paes	300
Symão Vaaz	1000
Pero Memdes	100
Francisco Pires	100
Pero Marques	100
Francisco Pires	100
Afonso Velho	100
Alvaro Fernandes	100
Diogo Varella	100
João Goncallves, veuvo ⁽⁴⁹⁾	—
Tome Barreiros	100
Estevão Pires, sucesor de Francisco Dias	500
Francisco Cardoso	100
Rodrigo Alvares, pay de Francisco Dias	500

(*Cartas*, p. 20), era conhecido proprietário de um palmar em Bambolim: em 1545 fora escrivão da câmara e cinco anos depois era-o das docas em Cochim, “que chora pelo seu pallmar que esta em Salsete” (*Obras*, 3, 79 e 487).

⁽⁴⁹⁾ Seria o bombardeiro que fez casas de pedra e cal em 1515? (*Cartas de Afonso de Albuquerque*, V, p. 227).

Lujs Cardo, que vive ao tanque de Timoja 200

Rua das pedreiras

Fernam de Lixboa ⁽⁵⁰⁾	—
Britolameu Fernandes	100
João Pimto	500
Gonçalo Diz (sic)	100
Afonso Lopes	500
Bastiam Dias	500
Christovão Gomes	100
Alvaro Lopes	—
João Fernandes	100
Pero Fernandes	100
Amtonio Lleitão	500
Duarte Barbudo ⁽⁵¹⁾	300
João Nunes	100
Jurdão Afonso	100
Pero Gomes	700
Diogo Memdes ⁽⁵²⁾	500
Fernam Martins	100
João Gonçallves <i>Caparica</i>	100
João Fernandes, jemro d'Ana Afonso	1500
João Rodrigues	100
Bastiam Pais	100
Pero Fernandes	100
João Sardo	100
Amtonio Rodrigues	100
João Martins	100
Jorje Pires	100
Ruj Pires, <i>da mullata</i>	200

⁽⁵⁰⁾ Alfaiate, casado antes de 1514 com Francisca Godinha, criada de Afonso de Albuquerque (A. C. G. Silva Correia, ob. cit., p. 397).

⁽⁵¹⁾ Emissário a Ceilão (1545), Melinde e ao Nizamaluco, alferes de D. João de Castro em Diu, entrou com ele em triunfo em Goa em 1547(*Obras*, 4, 86).

⁽⁵²⁾ Em 1512 era capitão de Goa (*Cartas de Afonso de Albuquerque*, V, p. 30), se se trata do mesmo.

Gomes Ferreira	100
João Vicente	300
João Luis, carpinteiro	500
Manuell Sardinha	100
Fernam Llopes	300
Afonso Alvares	200
João Fernandes, page de Dom Francisco	600
João Fernandes, meirinho	100
Luj's Gomes	
Francisco d'Orta ⁽⁵³⁾	100
Amtonio Fernandes	100
Francisco Machado	100
João Vaqueiro	300
Amtonio Pires, de Dom Nuno	500
Gill Fernandes	100
Njcollao Vaaz	200
Amtonio Fernandes, cidadão	2000
Afonso Alvares	100
Amtonio Gallego	100
Gonçalo Fernandes	100

Rua de Samto Amtonio

Pero Gomes	
Afonso Chamiço	100
Diogo Fernandes	100
Tome Martins, barbeiro	100
Pero de Guoes	100
Paullos Fernandes	300
Amtonio Gerreiro	300
Jorge Gerreiro	100
Amtonio de Momroio ⁽⁵⁴⁾	100

⁽⁵³⁾ Podia ser parente do botânico Garcia de Orta, que desde 1534 vivia em Bombaim, e depois em Goa na Rua dos Namorados.

⁽⁵⁴⁾ Irmão do D. Guterre de Monroy vindo em 1515 para capitão de Goa (*Lendas*, passim), participou no cerco de Diu em 1546 (*Obras*, 4,124).

Pero Fernandes, seu gemro	100
Amdre Genoes	100
Francisco do Rego, gemro de	
Francisco de Resende	200
Amdre Fernandes, condestabre moor	500
Francisco de Resemde	500
Eitor Ribeiro	100
Pero Afonso	100
Pero Gonçallves, jrmitam que foy de	
Santo Antonio	200
Alvoro Fernandes, compadre	100
Lujs Gujdo	100
Terrantino	100
Francisco Catellão	100
Diogo Dias	100
João Mateus	100
Afonso Vaaz ⁽⁵⁵⁾	500
Gomes Lourenço	100
João Greguo	100
Vasco Gonçallves	200
Gaspar Lopes, jemro de Duarte Valadares	500
Felipe Delicado, jrmitam	100
Beltesar da Serra, gemro de Resende	100
Tomasim Fernandes	100
Fernam Tebeiro	300
Joam Afonso, bombardeiro	200
Joam Alvares d'Anija	100
Francisco Rodrigues	100
Diogo Lourenço, calafate	100
Duarte Borges	100
Pero Gonçallves	100
Gomçallo Rodrigues, bombardeiro	100
Alvoro Pires	100

⁽⁵⁵⁾ Devia ser o patrão-mor dos navios de António Correia, “que muito sabia da costa de Dio” em 1531 (*Lendas*, III, 405, e IV, 164).

Bairro das Naos de Ormuz

Gaspar Dias	100
Amtonio Paaís	100
Pero Dias	100
Rodrigo Eanes	100
Gonçalo Fernandes <i>Ligeiro</i>	500
João Fernandes	100
Antam Gomes, pilloto	500
Lançarote Pereira ⁽⁵⁶⁾	2000
Afonso Jorge	100
Simão Dias, sobçesor de Diogo Mexia	300
Francisco Pinheiro	500
Pero Gonçallves	100
Estevão Triguio	100
Charlles	100
João Gonçallves Damão ⁽⁵⁷⁾	100
Amtonio Dias	200
Jorje Amriques	200
João Luis	100
Jurdão Dias	100
Amtonio Gonçallves	100
Amtonio Corço	100
Gomçallo de Crasto	100
Diogo Afomso	100
Fernam Martins	100
Amdre della Rocha ⁽⁵⁸⁾	100
Gomes Fernandes	100
Bastiam Gonçallves	100
Gonçalo Martins	100
Mestre Pero	300

⁽⁵⁶⁾ Um dos “mui valentes homens” que socorreram Diu em 1538 (L. S. Coutinho, ob. cit., p. 197); foi de Goa para o Estreito na armada de Vasco da Cunha (Castanheda, L. IX, 902).

⁽⁵⁷⁾ Alcinha curiosa, dado que Damão só seria conquistada em 1559; a menos que devamos ler “da mão”.

⁽⁵⁸⁾ O André de Florença, casado em 1511 em Goa? (*Cartas*, cit., V, 87)

O bacharell	600
Alvoro Diz (sic), meirinho	1000
Francisco Muniz	200
Lopo Fernandes	100
Amtonio Vaaz	—
Alvoro da Costa	100
Pero Gonçallves	—
Alvaro Prestes	100
João Dias	100
Amtonio Dias	100
Amtonio de Robreda o moço	1500
Amtonio de Robreda o velho ⁽⁵⁹⁾	2000
Gonçalo Martins, pedreiro	200
Alvaro d'Abreu	500
Amtonio Dias	200
Afonso Ferreira	100
Jorge Anes	200
Fernão d'Eanes	100
João Françisquo	500
João Lopes	100
Fernam d'Alvares	200
Lujs Alvares, porteiro	100
Diogo Fernamdes	100
Bras Fernandes	100
Martim Alvares	100
Christovão Pimto	100
João d'Avellaãs	2000
Amtonio Correa ⁽⁶⁰⁾	3000

⁽⁵⁹⁾ António de Reboreda o Velho, morador a Banguinim e casado com Guiomar de Andrade, além de feitos de guerra (cf. *Lendas*) é sobretudo conhecido como grande proprietário urbano: além das casas na R. Direita, que doou em 1534 para manutenção da “ymaje da sua sepultura”, seus herdeiros possuíam várias outras na Tanoaria em 1543 (J.Ferreira Martins, *ibid.*).

⁽⁶⁰⁾ Este “casado rico” vivia em boas casas, com cais e escadaria, entre Goa e Pangim, onde pelo menos entre Nuno da Cunha e D. João de Castro era costume cada novo governador aguardar a entrada oficial na cidade. Tomou de empreitada as obras do palácio do Sabaio, e em 1541 acudiu com barcos e dinheiro a necessidades do vice-rei (*Lendas*, *passim*).

Vicente Correa	500
Miguel Rodrigues	500
Diogo Botelho ⁽⁶¹⁾	500
Louremço Botelho	500
Francisco da Cunha, tanadar de Rabandar	100

Passos, primeiramente 'te Pamgim

Pero Crememte	100
Gonçalo Fernamdes	600
Alvoro Gill	600
Christovão Lopes	1500
Pero Fernamdes	1000
Francisco de Mello	500
O padeiro	100
Pero Carvalho	300
Ruj Gonçallves	500
Gaspar Dias ⁽⁶²⁾	300
Outro gemro de Pero Fernandes, criado d'Amtonio da Sylveira, Francisco Estevens	300
Outro gemro de Pero Fernandes	200
Lujs Viegas	1000
Amtonio Llopes, que foy escrivam	100
João torneiro	100
<i>Ho surdo</i> ⁽⁶³⁾	100
João Lopes, que foy tromqueiro ⁽⁶⁴⁾	

⁽⁶¹⁾ Quando muita cheias, as naus paravam em "o banco que está alem das casas de Diogo Botelho" para descarregar (*Obras*, 3, 343). Deviam ser as que Rui Gonçalves de Caminha sugeria a D. João de Castro para sua pousada (*Cartas*, p. 60).

⁽⁶²⁾ Podia ser o que em 1511 foi vedor das obras da fortaleza de Goa (*Cartas de Afonso de Albuquerque*, V, 69).

⁽⁶³⁾ O *Surdo* era um especialista no fabrico de pólvora, diversas vezes citado pelo vedor Rui Gonçalves de Caminha (*Cartas*, p. 51, etc.).

⁽⁶⁴⁾ Isto é, guarda da prisão do Tronco, junto à Fortaleza. Podia ser o João Lopes que residia em casas pegadas com o muro, por isso derrubadas em 1514 (*Cartas de Afonso de Albuquerque*, V, 41).

O irmão d'Alvaro Fernandes, porteiro, que vive em Talaulim ⁽⁶⁵⁾	300
---	-----

Agaçim

Fernam Martins, tanadar	1000
O comdestabre que vive em Goa a Velha	1000

O paso de Carambolim

Lujs Castanho, tanadar	500
O Afonso escrivam que vive a Carambolim	300

O paso de Benestarim

O Caldeira, tanadar	200
Lopo Camello, escrivam	100
João Fernandes	100
Amador Fernandes	100

O paso sequo

João Marjinho, comdestabre	500
A mulher do condestabre que foy	100

O paso de Daugim

Amdre Diz, tanadar	300
O escrivam	100

⁽⁶⁵⁾ Caso único entre os portugueses (se o era), este anónimo irmão de um guarda das portas da cidade vivia no interior da ilha, em Talaulim.

O preto que foy Jrmitam a par de Samta Lozia	100
Manuell d'Amdrade	100
João d'Agueda, que vive nas casas que foram de João Rodrigues, sogro de Nuno Pereira	600

Roll dos esquecidos

Manuell Martins, corrieiro, na Rua direita	300
Diogo Fernandes	200
Pero do Rio	200
Alvaro Lopes, çapateiro, na Rua Direita	100
Bretolameu Fernandes, barbeiro	100
Diogo Gonçallves, alfaiate	100
Joan'Eanes, armeiro, mora no Terreiro	500
Martim Lopes de Sousa, ha	
Nosa Senhora do Momte	100